



FILOSOFIA NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POR QUÊ? PARA QUÊ?¹

Dra. Rejane Schaefer Kalsing²

RESUMO

Talvez o questionamento inicial, já que o tema da mesa redonda é Filosofia na escola e na formação de professores: Por quê? Para quê?, deva ser Filosofia: Por quê? Para quê? Para tal, entende-se que, primeiramente, é preciso ter claro qual o conceito que se tem de Filosofia, a qual, só para dar uma ideia, pode ser entendida como a ciência que nos ensina a viver, de acordo com o filósofo Montaigne ou, diferentemente, como prática do pensar autônomo e criativo, conforme Sílvio Gallo, entre outros tantos. E, tendo-se isso claro, pode-se partir para a reflexão de Filosofia, tanto na escola quanto na formação de professores, por quê e para quê. Pretende-se, desta forma, obviamente que de maneira bastante breve, esboçar o conceito de Filosofia e, após, refletir sobre algumas práticas, a partir de relatos de experiências pessoais, sobre a Filosofia na escola e também na formação de professores.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino de filosofia; Formação de professores.

PHILOSOPHY AT SCHOOL AND IN PROFESSOR TRAINING: WHY? WHAT FOR?

ABSTRACT

Maybe the initial question, since the theme of the round table is Philosophy at school and in the professor's training: why? What for?, supposed to be Philosophy: why? What for? For this, it is understood that, firstly, we need to be clear about the concept of Philosophy, that, just for an initial idea, can be understood as the Science that teach us how to live, according to the Philosopher Montaigne or, in a different way, as the practice of autonomous and creative thinking, in Silvio Gallo's view and many other. After it is clear, it is possible start a reflection about Philosophy, both at school and in professor's training, why and what for. In this way and obviously in a brief mode, we intend to outline the concept of Philosophy and after reflect upon some practices from personal experiences reports about Philosophy at school and also in professor's training.

Key-words: Philosophy; Philosophy teaching; Professors training.

1. INTRODUÇÃO

Talvez o questionamento inicial, já que o tema da mesa redonda é *Filosofia na escola e na formação de professores: Por quê? Para quê?*, deva ser *Filosofia: Por quê? Para quê?* Para tal, primeiramente é preciso ter claro o que se entende por Filosofia. E, tendo-se feito isso, pode-se partir para a reflexão sobre Filosofia na escola e na formação de professores, por quê e para quê. Pretende-se, desta forma, obviamente que de modo bastante breve,

¹ Este texto foi elaborado para a mesa redonda intitulada **Filosofia na Escola e na Formação de Professores: Por Quê? Para Quê?**¹ realizada durante o **IV SIMFOP**.

² Doutora em Filosofia pela UFSC. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – Campus Sombrio. E-mail: <rejane.kalsing@yahoo.com.br>.



esboçar uma definição de Filosofia e, após, refletir sobre algumas práticas, a partir de relatos de experiências pessoais, tanto de Filosofia na escola quanto na formação de professores (fui, por dois semestres [2006/1 e 2007/2], professora substituta de Filosofia da Educação na UFRGS e desde 2001 sou professora de Filosofia no Ensino Médio).

E, como é frequente na Filosofia, também sua definição não é uma unanimidade, há uma *diversidade* das mesmas e, pode-se dizer, as quais são expostas pelos filósofos em seus escritos. E como não é possível abordar todas e nem ao menos apresentá-las, foram selecionadas, por assim dizer, algumas delas para este momento.

Neste sentido e *indo diretamente ao ponto*, começarei com o filósofo francês moderno Michel de Montaigne. Ele assevera que “a Filosofia é a ciência que nos ensina a viver” (MONTAIGNE, 1972, p. 81-87 *apud* SÁTIRO, 2003, p. 14). Continua afirmando que, “por moço que seja, que ninguém se recuse a praticar a Filosofia, e que os velhos não se cansem dela”, (Idem). Por tais declarações já se percebe que este filósofo entende a Filosofia como algo eminentemente *prático*, no sentido de dizer respeito à nossa vida, de ter a ver com o nosso dia a dia e não como algo simplesmente teórico, abstrato e, dessa forma, distante de muitos. É importante chamar a atenção para esta definição, e justificar sua utilização neste início porque é muito comum ouvir, de quem não é desta área, que a Filosofia é algo essencialmente teórico, no sentido de um conhecimento abstrato, que muitas vezes não tem nada ou quase nada a ver ou a dizer sobre a nossa vida. Pelo contrário, de acordo com Montaigne, a Filosofia diz respeito a todos e a cada um de nós, à nossa vida e, além disso, é algo que deve ser *praticado*, exercitado em todas as fases da vida, pois nunca se é novo o bastante para fazê-la e nem velho, também, para tal.

Mas, essa *ideia*, por assim dizer, da Filosofia como algo essencialmente teórico, não deixa de ser, também, responsabilidade dos próprios filósofos, já que muitos têm essa concepção. Kant (1998, p. 446.), por exemplo, a concebe como “um sistema de conhecimentos racionais a partir de conceitos”. Porém, este mesmo filósofo entende que o campo todo da filosofia se resume às questões: “o que posso conhecer?”, “o que devo fazer?”, “o que posso esperar?”, as quais poderiam, ainda, ser abarcadas numa só, “o que é o homem?” (Idem). Questões que, como se vê, apesar de serem pensadas e elaboradas teoricamente, dizem respeito à *prática*, como o próprio Kant diria, isto é, dizem respeito à nossa vontade, tem a ver com a liberdade, enfim, conosco mesmos.

Em vista disso, não é em vão, então, que Marx criticará a *filosofia* de seu tempo, afirmando que, até agora, ela apenas *interpretou* o mundo, cabe agora *transformá-lo* (MARX, 1984, p. 111), justamente por esse seu *caráter* muitas vezes especulativo, teórico ou *puro*, no dizer de Kant; em outras palavras, *depurado de tudo que é empírico* ou que possa ter relação com ele.

Outro exemplo, agora de um filósofo do século XX, Wittgenstein, assevera, entre outras coisas, que “o objetivo da filosofia é a clarificação lógica do pensamento. [...]. [é] tornar claros e delimitar rigorosamente os pensamentos” (WITTGENSTEIN *in* SÁTIRO, 2003, p. 21).

Para citar um pensador brasileiro, temos, por exemplo, Sílvio Gallo (2010, p. 89), que entende que o ensino de Filosofia deve ser “a prática do pensar autônomo e criativo”. Será que é só isso a Filosofia? *Só isso* porque, enfim, se soubermos pensar de modo autônomo e criativo, é claro que é uma grande coisa! Mas no sentido de ser apenas um *pensar*, o qual pode ou não se refletir numa prática, numa ação, numa conduta. Podemos afirmar que Filosofia também é ação e, principalmente, ação refletida, quer dizer, pensada.

Por outro lado, essa ideia da Filosofia como algo essencialmente teórico pode ter raízes no próprio sentido etimológico do termo, já que, literalmente, Filosofia significa amor à sabedoria e aquele que ama o saber pode ser visto como alguém que deseja, anseia apenas o teórico/especulativo, este podendo ser entendido como desvinculado dos problemas cotidianos e, assim, como se não tivesse a ver com a nossa vida. Entretanto, nas palavras de Angélica Sátiro, referindo-se ao sentido etimológico do termo, “a Filosofia é uma linguagem de amor à sabedoria. Nasceu do amor que busca compreender o mundo, os outros, a si mesmo. Foi o desejo de compreender a realidade que gerou a Filosofia” (2003, p. 16). Ou seja, a Filosofia designa amor à sabedoria, mas no sentido de uma busca de compreensão do mundo, dos outros, de si mesmo. Nasceu para que o ser humano pudesse compreender melhor o que está ao seu redor e a si mesmo.

A respeito da origem do termo Filosofia, Olgária Matos (1997, p. 07) afirma que os “inventores da palavra ‘Filosofia’, os gregos não se teriam enganado. Se é preciso pensar bem, é para viver melhor”. E, referindo-se ao antigo filósofo grego Epicuro, assevera que ele “considerava a Filosofia não como instrução e aquisição passiva de informações, mas como uma atividade que, através de um generoso sentimento, a *philia* (amizade), ultrapassa a

dimensão da sabedoria contemplativa e se expande em amor à humanidade” (MATOS, 1997, p. 07).

A partir desse brevíssimo *apanhado* sobre as definições de Filosofia, pode-se concluir que a esta Ciência pode ser entendida como uma busca pelo saber, mas uma busca sistemática, rigorosa pela verdade, pelo anseio de encontrar a verdade, já que foi a busca pela verdade que a originou. Contudo, esse amor à verdade deve ser orientado à vida, à realidade, para viver melhor. Quer dizer, não é a busca da verdade pela verdade, no sentido de não conectá-la ou reconectá-la à realidade, a verdade precisa fazer *sentido*, ser significativa para a nossa vida.

Portanto, pode-se afirmar que a Filosofia é uma *atividade*, ou seja, algo *dinâmico*. É um exercício sistemático, rigoroso de busca da verdade, com a finalidade, entretanto, de viver melhor. Ao menos era o que pensavam os primeiros filósofos e, no meu entender, eles estavam corretos. Pois entendo que a busca pela verdade, enquanto atividade de reflexão profunda e sistemática sobre as coisas, está visceralmente ligada à nossa vida. Portanto, a Filosofia é a busca pela verdade para melhor compreender o mundo, os outros, a si mesmo, numa palavra, a realidade e, por conseguinte, para viver melhor.

Exposto brevemente o que entendo por filosofia, é possível partir para a reflexão sobre a Filosofia na escola e na formação de professores. Considerei tal *passo* necessário por entender que a compreensão de Filosofia que temos reflete-se na forma como vamos trabalhá-la, desenvolvê-la, seja no Ensino Médio, seja no Ensino Superior.

2. FILOSOFIA NA ESCOLA: POR QUÊ? PARA QUÊ?

2.1 LEI DA OBRIGATORIEDADE DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Em 02 de junho de 2008, o presidente em exercício, José de Alencar, sancionou a *Lei 11.684*, a qual determinou a presença da Filosofia - e também da Sociologia, como disciplinas obrigatórias nas três séries do Ensino Médio no Brasil³. Temos, então, a obrigatoriedade da Filosofia, enquanto disciplina do Ensino Médio.

Tal fato reacende a discussão sobre como deveria ser o ensino dessa disciplina, mas, desta vez, no interior da comunidade filosófica brasileira. É que tal discussão já existia,

³ Disponível em: <<http://www.anpof.org.br/spip.php?article118>>.

porém, sem que a *academia* e, em especial, a Pós-Graduação em Filosofia no Brasil lhe conferissem a devida importância. Tal discussão permanecia mais restrita aos docentes da disciplina de *Ensino de Filosofia* nas universidades.

E esta discussão tem se fortalecido, tanto que o próximo Encontro bianual da ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, que se realizará em Curitiba em outubro próximo, dedicará uma seção apenas para o Ensino Médio, a qual foi denominada de *ANPOF Ensino Médio*, algo inédito até então, além de essa mesma entidade ter, há pouco, criado uma seção em seu *Website* intitulada *Filosofia na Escola*. Estes fatos demonstram que a comunidade filosófica brasileira está se voltando para a discussão do tema.

2.2 METODOLOGIAS DO ENSINO DE FILOSOFIA

No que diz respeito à metodologia de ensino de Filosofia, ou seja, como deveria ser o ensino desta disciplina, há várias linhas. No intuito de apenas esboçar tal assunto, há a linha, por exemplo, que defende que este ensino seja através da *História da Filosofia*. Em outras palavras, esta linha entende que o ensino da disciplina deve respeitar a ordem histórica, cronológica, enfim, deve se desenvolver através das fases da história, apresentando os filósofos e suas doutrinas como eles apareceram historicamente, começando, portanto, com a Filosofia Antiga, percorrendo até a Filosofia Contemporânea. É, em função disso, uma metodologia de ensino mais *linear* e, com isso, talvez mais *engessada* e, por conseguinte, menos propensa à discussão e reflexão.

Há outra que entende que o ensino de Filosofia deve se desenvolver através de *temas* ou de *áreas temáticas da Filosofia* como, por exemplo, Ética, Filosofia Política, Antropologia Filosófica, Lógica, Filosofia da Ciência, Estética e Filosofia da Arte, entre outras tantas. Aqui os filósofos são apresentados de acordo com as áreas e/ou temas a que mais se dedicaram ou se destacaram. Não há a necessidade de apresentar e discutir doutrinas e filósofos conforme eles apareceram historicamente. Por causa disso, essa metodologia de ensino parece ser menos *linear* e, com isso, mais aberta, e, sendo assim, parece propiciar mais a discussão, a reflexão e o próprio filosofar. O *perigo* desta metodologia é não abordar nenhum filósofo e/ou doutrina e restringir-se à discussão de problemas cotidianos, ou seja, risco de permanecer no senso comum, sem partir ou chegar a um filósofo ou doutrina.

Outra linha ainda entende que o ensino de Filosofia deve acontecer através de *textos clássicos de Filosofia*. Assim, por esta metodologia, os estudantes do Ensino Médio devem ter contato com os textos dos filósofos, o que não necessariamente acontece nas metodologias acima descritas. Esta metodologia possui certa resistência por parte de professores de Filosofia, pois muitos entendem que os textos clássicos são inacessíveis aos estudantes do Ensino Médio, ou devido à sua linguagem ou à sua argumentação, conforme acentua Juliano Orlandi, da Seção *Filosofia na Escola* da ANPOF⁴. Entretanto, em se fazendo uma escolha de textos ou de excertos que sejam mais acessíveis aos estudantes do nível médio, mas que também possam ser significativos para eles e, além disso, procurando fazer uma introdução a cada um desses textos, talvez esta seja uma interessante metodologia de ensino de Filosofia.

Minha escolha pessoal é por essas duas últimas metodologias, uma vez que utilizo comumente temas e/ou áreas temáticas da Filosofia, como Ética, Filosofia Política, Antropologia Filosófica, Filosofia da Ciência, Estética e Filosofia da Arte, entre outras e, a partir delas, procuro selecionar textos filosóficos sobre tais temas, os quais possam ser significativos para os estudantes do nível médio. Há outras metodologias de ensino de Filosofia, as quais não serão aqui abordadas.

2.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E PROJETOS: CONHECENDO A CULTURA GAÚCHA E O DESPERDÍCIO

2.3.1 PROJETO: CONHECENDO A CULTURA GAÚCHA

Vejamos agora o relato de algumas experiências e projetos vivenciados enquanto professora de Filosofia no Ensino Médio. Em 2004, desenvolvi um projeto que intitulei *Conhecendo a cultura gaúcha*, o qual foi realizado em agosto e setembro de 2004 e de 2005 na Escola Estadual de Educação Básica Marcus Vinícius de Moraes, em Sapucaia do Sul, RS; escola na qual lecionava a disciplina de Filosofia para o Ensino Médio.

O projeto nasceu do anseio de trabalhar de forma diferenciada e interdisciplinar o tema *cultura gaúcha* e o que desencadeou a elaboração do mesmo foi a constatação *empírica* do reduzido conhecimento dos estudantes em relação a essa cultura, ao menos na

⁴ Disponível em: <<http://www.anpof.org.br/spip.php?article154>>.

instituição em que trabalhava; conhecimento importante ter-se em relação à própria cultura, seja ela qual for.

É importante desde logo esclarecer que este projeto não visava a fazer juízos de valor sobre tal ou qual cultura e, portanto, não visava a exaltar determinada cultura, mas a proporcionar maior conhecimento a respeito dela.

O projeto objetivava, inicialmente, envolver as disciplinas do Ensino Médio da referida escola como, por exemplo, Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Ensino Religioso, Língua Portuguesa, Literatura, Educação Artística, Educação Física e Biologia; digo *objetivo inicial* porque, no andamento do projeto, também o Ensino Fundamental acabou sendo envolvido e participando.

Mas, afinal, o que foi o projeto? A idéia inicial era desenvolver um trabalho de pesquisa por parte dos alunos a partir de *músicas gaúchas*, mais conhecidas como *gauchescas* e *nativistas*, previamente escolhidas pela professora de Filosofia. As sugestões iniciais para cada disciplina trabalhar eram as seguintes: a disciplina *Filosofia* abordaria a cultura gaúcha no que se refere aos seus valores em sentido geral e, de forma mais específica, os valores morais ou, a *moral tradicionalista*; a *Língua Portuguesa*, a linguagem gaúcha através de termos típicos da mesma, presentes nas letras das músicas escolhidas.

A disciplina de *História* enfocaria a formação do estado do Rio Grande do Sul e do gaúcho, quem é esse povo, como se formou. A *Geografia*, por sua vez, abordaria a *geografia* da cultura gaúcha, no sentido das regiões que esta abrange, entre outros aspectos. A *Sociologia* enfocaria a sociedade gaúcha atual; já a *Literatura*, as obras literárias gaúchas. A *Educação Artística* abordaria a produção artística de maneira geral na cultura gaúcha. A *Educação Física* desenvolveria danças típicas da cultura gaúcha para posterior apresentação. O *Ensino Religioso* abordaria a religiosidade ou a espiritualidade do povo gaúcho. A *Biologia* pesquisaria as plantas medicinais na ou da cultura gaúcha e o *impacto ambiental* provocado pela referida cultura.

O ponto culminante do projeto foi a *1ª Mostra Cultural Gaúcha* e a *1ª Mateada* da Escola, realizadas em final de setembro de 2004. Nessa mostra houve apresentação dos trabalhos desenvolvidos durante o projeto, como por exemplo, degustação de comidas e bebidas típicas, jogos e brincadeiras, cartazes com a abrangência da região do gaúcho e de sua formação, receitas culinárias na Língua Inglesa, músicas gaúchas com versão em inglês,

entre outras. Houve, também, a apresentação de grande número de danças típicas, cantos e declamações.

O projeto foi considerado um *sucesso*, pois foi, à época, o maior evento já ocorrido na escola, devido tanto ao número de professores, quanto ao de alunos envolvidos e, também, pela participação da comunidade escolar, já que grande número se fez presente na *1ª Mostra Cultural Gaúcha* e na *1ª Mateada* da Escola.

Em 2005 não houve tanto envolvimento, sendo que as causas são difíceis de precisar, talvez por já não ser mais novidade.

Mas pode-se dizer que o projeto foi bastante significativo, pois mobilizou toda a escola, ao menos em seu primeiro ano, também por ter propiciado a abordagem interdisciplinar de um tema em praticamente todas as disciplinas e por ter proporcionado ao estudante uma forma diferenciada e abrangente do estudo de um tema.

2.3.2 PROJETO: O DESPERDÍCIO

De forma mais breve, relatamos sobre um projeto, também de caráter interdisciplinar, a respeito do tema *desperdício*. A reflexão sobre a questão ambiental é algo que, nos dias atuais, não pode ser adiada, haja vista os grandes problemas ambientais decorrentes da ação humana no planeta. Sendo assim, também a disciplina de Filosofia precisa refletir sobre o assunto, tomar parte, pronunciar-se e, quiçá, ajudar a promover mudanças.

Com o intuito, então, de ajudar a desenvolver, através da educação, maior responsabilidade ambiental no processo da formação profissional, foi proposto aos estudantes da terceira série dos cursos técnicos em Agropecuária e em Alimentos, pelas professoras de Ética e Sociologia, e de Matemática Financeira, no segundo semestre de 2009, um projeto sobre o desperdício no IFC - Campus Concórdia.

Os temas escolhidos por eles foram o desperdício de *água*, de *energia elétrica*, de *alimentos no refeitório*, de *papel*, de *lixo* - no sentido de má destinação do mesmo, entre outros. Os estudantes realizaram uma coleta de dados durante o período de trinta dias, a respeito dos seus respectivos temas, junto à Instituição. Posteriormente, tais dados foram apresentados em sala de aula, também na *Mostra de Cultura, Ciência e Tecnologia 2009 do IFC - Campus Concórdia* e, ainda, na *Semana de Ciência e Tecnologia* do município de

Concórdia. Como continuidade do projeto, os estudantes precisaram propor alternativas para diminuição do desperdício, tanto na instituição quanto na vida particular.

Como conclusão do projeto, pode-se dizer que os trabalhos tiveram uma repercussão positiva entre os estudantes e na comunidade escolar em geral, em função do impacto que os dados produziram e, ao menos para pequena parte daquela, resultaram em formas de consumo mais conscientes. Também se percebeu o envolvimento da maioria dos estudantes com o projeto, o que demonstra que o mesmo despertou interesse e foi algo significativo para eles.

2.3.3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E PROJETOS DESENVOLVIDOS

O relato das experiências dos projetos desenvolvidos procurou mostrar qual, ou quais, metodologias de ensino procuro utilizar no cotidiano de professora de Filosofia e que dizem respeito ao desenvolvimento da disciplina através de áreas temáticas e de textos clássicos da disciplina. Procurou mostrar, também, que é possível trabalhar a disciplina de Filosofia de forma interdisciplinar e voltada à reflexão de *questões práticas*, no sentido de problemas cotidianos, aqueles que dizem respeito a todos. De certa forma, tais experiências e projetos não deixam de corroborar a concepção de Filosofia de *Montaigne*, já que este entende que “por moço que seja, que ninguém se recuse a praticar a Filosofia, e que os velhos não se cansem dela”, (MONTAIGNE, 1972, p. 81-87 *apud* SÁTIRO, 2003, p. 14), já que um dos projetos, por exemplo, foi desenvolvido desde a então chamada pré-escola.

Também não deixaram de ser uma “prática do pensar autônomo e criativo”, no dizer de Sílvio Gallo (GALLO, 2010, p. 89), pois procuraram desenvolver, também, tal capacidade humana. Ainda configuraram uma busca da compreensão do mundo, dos outros e de si mesmo, conforme assevera Angélica Sátiro (SÁTIRO, 2003, p. 16), no sentido de melhor entender ou apreender a própria cultura, também no sentido de refletir sobre suas ações e respectivas consequências no mundo, ou seja, sobre suas responsabilidades em relação ao mundo em que vivem, entre outros aspectos. E todos esses fatores reunidos não deixam de ser uma tentativa de pensar bem, pensar melhor, de refletir efetivamente sobre o mundo, os outros e si mesmo com o objetivo de viver melhor, de acordo com as ideias de Olgária Matos (MATOS, 1997, p. 07).

Assim, esses projetos desenvolvidos, essas experiências procuraram refletir minha concepção de filosofia que, como apresentada no início deste, diz respeito a uma busca sistemática, rigorosa pela verdade; um amor à verdade orientado à vida, à realidade, para viver melhor; uma busca da verdade para conectá-la ou reconectá-la à realidade, fazendo, assim, *sentido* para a nossa vida, sendo *significativa* para a mesma; uma atividade de reflexão profunda e sistemática sobre as coisas que estão visceralmente ligadas à nossa vida.

3. FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POR QUÊ? PARA QUÊ?

Passando para o outro *ponto*, que é Filosofia na formação de professores: por quê? para quê? Iniciamos apontando que a Filosofia da Educação é uma disciplina que, infelizmente, nem sempre está presente no currículo das licenciaturas. Infelizmente porque, juntamente com outras disciplinas, como História da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, entre outras, configuram-se de grande importância para a formação do professor, do educador.

Filosofia da Educação, como afirma Antônio Severino (1994, p. 28), “é uma reflexão filosófica sobre a educação”. Quer dizer, é o olhar da Filosofia sobre a Educação. A educação é posta como uma *questão*, como um *problema*. É, enfim, uma *questão filosófica*. E uma primeira questão que pode ser levantada é, por exemplo, o ser humano é *educável*? Parece ser algo *óbvio* e, assim, ter uma resposta *óbvia*. Mas obviedade não existe na Filosofia. Seguindo, então, em direção à resposta, se respondermos que sim, então afirmamos a *educabilidade* do ser humano. E, ao concebermos o ser humano como educável, percebemos que ele não nasce pronto, que precisa ser desenvolvido e o que pode proporcionar isso é a educação.

Podemos perguntar, agora, o que é *Educação*? Há diferentes concepções de educação, como todos sabem. Entendo que todos devem refletir sobre elas tanto enquanto licenciandos, quanto já na condição de professores, portanto, entendo que essa reflexão deve ser feita ao longo de nossa vida. *O que é educação*, então? É formação? É instrução? É adiestramento? É desenvolvimento de competências e habilidades? O que *significa* educar? O que queremos dizer com isso? Mais ainda, *por que* educar? Há *necessidade* de educar? Por quê? Se a resposta for sim, *como* nós devemos educar? *Como* deve ser esse processo educativo? O que objetivamos com nosso ato educativo? Que *modelo* de ser humano almejamos com nosso ato educativo?

Será que educação é simplesmente transmissão de conhecimento, ou seja, a instrução, ou desenvolvimento de competências e habilidades? Será que, enquanto professores, não estamos formando seres humanos? Mesmo nós, da Filosofia, às vezes entramos em sala de aula preocupados simplesmente com a transmissão de conteúdo, muito mais agora com ENEM, com vestibulares em universidades que incluem questões de Filosofia.

Como concebo a educação especialmente como *formação* moral, começarei pelas origens da Filosofia Ocidental, ou seja, a Grécia. *Paideia* é o termo grego para a educação. Ela compreendia a formação integral do ser humano. E isso significava a *formação física*, a ginástica; a *educação estética*, no sentido da educação para o belo e, conseqüentemente, para a arte, pois os gregos davam especial valor para a beleza; a *formação moral*, do caráter, da virtude, dos valores morais, entre outras. A *paideia* incluía, portanto, a Filosofia, esta entendida como “o cultivo do bom e do belo” (GILES, 1983, p. 29).

Em obra de referência sobre o assunto, *Paideia – a formação do homem grego*, Werner Jaeger afirma que a finalidade dos gregos, em que a sua vida se assentava, era a formação de um elevado modelo de ser humano. A idéia de educação representava, para eles, o sentido de todo o esforço humano (JAEGER, 1994, p. 07). *Paideia* significava, assim, o “ideal grego de formação humana” (p. 08). Com essa finalidade, *paideia* significava, também, *cultura*, já que, para os gregos, esta era entendida “no sentido de um ideal próprio da humanidade” (Ibidem, p. 07).

E cultura não era entendida como conhecimentos a serem transmitidos de geração a geração, ou como conhecimentos produzidos por uma determinada comunidade, ou como erudição, entre outras coisas, mas como um *ideal*, um *modelo* próprio da humanidade a ser alcançado, ao menos buscado como algo, enfim, a ser *cultivado*.

Portanto, a educação para os gregos era vista como uma *arte* e o educador como “o oleiro [que] modela a sua argila e o escultor as suas pedras” e, desse modo, “a mais alta obra de arte que a sua aspiração se propôs foi a criação do Homem vivo” (JAEGER, 1994, p. 13).

Começando pelo patrono da Filosofia, Sócrates, que se compreendia como um *parteiro de idéias*, pois dizia *dar à luz* novas idéias, seu método para chegar ao conhecimento, a *maiêutica*, *parto* em grego, consistia em perguntar e apontar as contradições das respostas do outro até que fizesse “nascer a verdade como um parto no

qual ele (o mestre) era apenas o instigador e o discípulo o verdadeiro descobridor e criador” (GADOTTI, 1983, p. 15). Um método, no mínimo, muito interessante para os nossos dias.

Porém, para Sócrates, a tarefa do filósofo seguia para além disso, pois a tarefa maior era *educar para a virtude*. Thomas Ranson Giles chega a afirmar até que, para Sócrates, “o objetivo único do *processo educativo* era a formação moral do homem, fundamentando-se esta no conhecimento e na prática das virtudes” (1983, p. 65).

Para exemplificar, vejamos a obra *Apologia* ou *Defesa de Sócrates*, na qual Platão narra o julgamento que condenará Sócrates à morte. Sócrates diz que uma de suas incitações, provocações mais comuns, era perguntar: “não te envergonhas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a tua alma?” (s/d, p. 15). Um pouco adiante, interrogado sobre qual era seu ofício, respondeu que “outra coisa não faço senão andar por aí vos persuadindo, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma” (PLATÃO, s/d, p. 15).

Mais ao final do seu julgamento, ele assevera: “eu que me entreguei à procura de cada um de vós em particular, a fim de proporcionar-lhe o que declaro o maior dos benefícios, tentando persuadir cada um de vós a cuidar menos do que é *seu* que de *si próprio*” (Ibidem, p. 21). Ele se dirigia “sem cessar a cada um em particular, como um pai ou um irmão mais velho, para o persuadir a *cuidar da virtude*” (PLATÃO, op. cit., p. 16), ou seja, com o intuito de despertar nas pessoas a virtude, para praticarem a virtude e, assim, melhorarem suas almas. E isso ainda é significativo nos dias de hoje.

Passemos, agora, aos romanos. Roma é herdeira da Grécia em vários aspectos, pois esta, apesar de ter sido “conquistada por Roma do ponto de vista militar, conquista Roma no que é mais fundamental e [esta] amplia a própria imagem-ideal, criando o conceito de processo educativo em função da *humanidade universal*” (GILES, 1983, p. 64), quer dizer, do ser humano como um todo, de toda a humanidade. E, assim, a educação romana passa a visar a “valores que dizem respeito ao *homem como ser humano, valores que transcendem os povos e os tempos individuais*” (Idem), portanto, valores que dizem respeito ao ser humano como um todo.

Em função disso, a educação romana será chamada de humanista e este humanismo será denominado, posteriormente, de *humanitas latina*. Mais tarde, na Idade Moderna, teremos o Humanismo renascentista, porque será um *renascer*, um retornar aos gregos e

aos romanos, principalmente a esse conceito romano de ser humano. Na educação romana, Giles assevera que “o *ideal* imediato de todo o processo educativo é formar o *bom cidadão*”, e “o principal *valor* do processo educativo será a *formação do caráter do educando, em sentido universal, cosmopolita, humanista*” (1983, p. 68).

O filósofo romano Cícero, conforme Giles (1983, p. 68), é “o primeiro a estabelecer as bases teóricas dessa nova educação”, quer dizer, a educação romana sob a influência da Grécia. Para Cícero, “o protótipo do homem humanista é o orador, que deve ser perfeito em todos os sentidos, *homem íntegro, que conhece e pratica a virtude, o cidadão que zela pelo bem comum do Estado e está sempre pronto a se sacrificar por ele*” (Idem). Percebe-se, por tais declarações, que a integridade ou a honestidade, esta como um sinônimo daquela, é o valor mais importante em Roma naquele período. De fato, para Cícero, a honestidade é a mãe de todas as virtudes, abaixo dela é que estão as demais, no sentido de serem *abarcadas* por elas (ver, para isso, em especial a obra de Cícero intitulada *Dos deveres* ou *Sobre os deveres [De officiis]*).

O filósofo Sêneca também enfatiza a questão moral que, por conseguinte, vai se refletir na sua concepção de educação. Ele entende que “o processo educativo não deve visar ao *puro saber*, e sim à *vida*. Todo o conhecimento deve relacionar-se com o comportamento moral do educando” (GILES, 1983, p. 69), ou seja, a educação deveria visar à virtude, ao bem.

De um salto, passemos à Idade Moderna, para o filósofo Immanuel Kant, grande representante do *Iluminismo*. Ele tem também possui contribuições importantes para a Filosofia da Educação, especialmente por sua obra *Sobre a pedagogia*. Obra que, até hoje, não mereceu a atenção e as reflexões que deveria pelo fato de ter sido fruto de uma conjunção das aulas de Kant sobre o tema e de anotações de um aluno.

A frase inaugural da obra *Sobre a pedagogia* é a seguinte: “o homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1996, p. 11) e ele entende por *educação* “o cuidado com a infância, a disciplina e a instrução, [...] a formação” (Idem). Portanto, o ser humano é o único ser que precisa passar pelo processo chamado educação.

Um animal, continua ele, “é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser” (Ibidem, p. 11), mas o ser humano “não tem instinto, e precisa *formar por si mesmo o projeto de sua conduta*” (KANT, op. cit., p. 12). Ou seja, não é *apenas* instintivo e nem *apenas* uma criatura razoável, como abelhas ou castores (vide a obra *Idéia*). É que o instinto,

por si só, não basta, não é suficiente ao ser humano e ele, a partir de si mesmo, precisa dar as respostas sobre como deve se conduzir.

Continua Kant, “o homem não pode tornar-se *verdadeiro homem* senão pela educação” (KANT, 1996, p. 15), é que há “muitos *germes* na humanidade” (Ibidem p. 18), os quais “não se desenvolvem por si mesmos” (Ibidem, p. 21); se não forem despertados, permanecerão em estado de dormência. E, como cabe a nós desenvolvê-los, conclui que “toda educação é uma arte” (Idem).

Na parte da obra que intitula de *educação moral*, o autor afirma que esta deve se fundamentar em *princípios* morais. Deve-se incentivar o educando a agir por seus próprios princípios “e não por simples hábito, e que não faça simplesmente o bem, mas o faça porque é um bem em si” (Ibidem, p. 72), pois se deve demonstrar “o valor intrínseco do comportamento e das ações” (Ibidem, p. 103). Quer dizer, deve-se fazer o bem porque é um bem em si, porque ele tem valor em si mesmo; as crianças deveriam ser educadas de forma a perceber o valor intrínseco, tanto do comportamento quanto das ações, para que não ajam por interesse ou para ser elogiadas, e assim por diante.

Neste sentido, o primeiro esforço da educação “é lançar os fundamentos da formação do caráter” (Ibidem, p. 81). E o *primeiro* traço dessa formação é a *obediência*. Mas não é uma obediência cega, é uma obediência no sentido de respeito à autoridade.

Já o *segundo traço da formação do caráter*, e o mais importante, é a *veracidade*. É o mais importante, pois, para Kant, a mentira é algo que torna indigno o ser humano, ela o degrada, o rebaixa. Assim, devemos incentivar as crianças a serem verazes, a falarem a verdade e não por interesse e sim porque a verdade tem um valor intrínseco e, por isso, é um princípio moral.

O terceiro e último, é a *sociabilidade*. Devemos incentivar as crianças a serem sociáveis, a quererem estar em companhia de outros, a não pensarem que podem bastar a si mesmas.

A educação prática é o último momento propriamente da educação. Nela, Kant declara que, “para *solidificar o caráter moral das crianças* [...] é preciso ensinar-lhes, da melhor maneira, através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir” (Ibidem, p. 95). Em outras palavras, devemos ensinar pelo exemplo, pois estes são observados e seguidos pelas crianças. Mesmo sem nos darmos conta, nossos educandos levam muito consideração o que fazemos, talvez mais do que o que dizemos. E os deveres a cumprir são os “*deveres*

para consigo mesmos” (Ibidem, p. 86) e os “*deveres para com os demais*” (Ibidem, p. 96). Algo que pode chamar a atenção é que Kant fala em deveres para consigo mesmo, o que pode vir a ser isso? Não temos apenas deveres para com os outros? Não, de acordo com Kant, nós também temos deveres para conosco mesmos. E o primeiro deles é o *respeito*. Precisamos, antes de tudo, respeitar a nós mesmos. Se não nos respeitarmos, como exigir que os outros nos respeitem? É que o conceito de *respeito* permeará, por assim dizer, toda a Filosofia prática de Kant, em especial, como já se destacou, a Pedagogia, mas também a Ética e o Direito, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de algumas considerações finais, sem querer concluir ou esgotar o assunto, evidentemente, lembrarei o que entendo por filosofia, ou seja, a definição que tenho dela. Brevemente, ela é a busca pela verdade, mas uma busca *sistemática, rigorosa* pela verdade, além disso, deve ser uma busca orientada à vida, à realidade, para o viver melhor, ou o bem viver, como diriam os gregos. É, portanto, uma *atividade, é dinâmica*.

É o que pensavam os primeiros filósofos, como afirmado anteriormente e que, no meu entender, estavam corretos. Hoje não necessariamente essa busca pela verdade é orientada à vida, ao bem viver. Às vezes se limita ao *puro saber*, para usar uma expressão de Sêneca, ou seja, não essencialmente a Filosofia atual tem essa orientação e essa conexão da teoria, do conhecimento com a vida, com o bem viver.

Penso que a compreensão de Filosofia que temos, também conforme já afirmado, reflete-se na forma como vamos trabalhá-la, desenvolvê-la, seja no Ensino Médio ou no Ensino Superior. E, pelo que tentei expor, apresentar, defendo uma *metodologia* de ensino de Filosofia e de Filosofia da Educação mais *prática*, no sentido de ser orientada à vida, à realidade e ao *viver melhor*, se possível, e *prática* também no sentido que o filósofo Immanuel Kant dá a esse termo, ou seja, porque se refere à vontade, à liberdade e, assim, à ética, à moral.

Apesar das dificuldades que isso implica, já que nosso *ensino* e *escola* primam, de modo geral, pela *instrução*, pela *transmissão* de conhecimento, pela *preparação profissional*, etc., tudo isso potencializado pelo grande desenvolvimento tecnológico que vivemos, penso que é mais do que atual e necessária à ideia do *caráter formativo* e, em especial, de *formação moral*, da educação em geral.

Enfim, espero ter provocado algumas reflexões sobre *concepção de Filosofia, de Educação, de ser humano*, entre outras e que essas reflexões possam continuar e estender-se à sala de aula, à escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em: 22 Setembro 2012.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

GALLO, S. e ASPIS, R. L. **Ensino de filosofia e cidadania nas sociedade de controle**: resistências e linhas de fuga. Pro-posições, Campinas, v. 21, n. 1 (61, p. 89-105), jan.-abr. 2010.

GILES, T. R. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KANT, *Logik A 23*, III. In: KANT, I. **Werke in sechs Bänden**. Hrsg. von Wilhelm Weischedel. Darmstadt, 1998.

_____. **Sobre a pedagogia**. (Tradução de Francisco Cock Fontanella: *Über Pädagogik*). UNIMEP: Piracicaba, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** - 1º capítulo seguido das Teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.

MARTINS, M. F. Práxis e "catarsis" como referências avaliativas das ações educacionais das ONG'S, dos sindicatos e dos partidos políticos. **Avaliação** (Campinas) vol. 16, no. 3, Sorocaba, Nov. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772011000300003>>. Acesso em: 10 Maio 2012.

MATOS, O. **Filosofia** - a polifonia da razão: filosofia e educação. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério.).

MONTAIGNE, M. de. **Ensaio**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores.)

ORLANDI, Juliano. **Seção Filosofia na Escola**, ANPOF. Disponível em: <<http://www.anpof.org.br/spip.php?article154>>. Acesso em: 09 Maio 2012.

_____. **Seção Filosofia na Escola**, ANPOF. Disponível em:
<<http://www.anpof.org.br/spip.php?article118>>. Acesso em: 09 Maio 2012.

PLATÃO, s/d. SÁTIRO, A. **Pensando melhor**: introdução à filosofia, 2003.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da educação**: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**, apud SÁTIRO, 2003, 21 p.

RECEBIDO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2012.

APROVADO EM 20 DE JANEIRO DE 2013.